

## **CRENÇAS DE ALUNOS DE LETRAS DA UEG-UNU DE ITAPURANGA SOBRE O USO DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

### **LETRAS STUDENTS' BELIEFS FROM UEG-UNU ITAPURANGA ABOUT THE USE OF TEXTBOOK ON ENGLISH CLASSES**

Adriane de Sousa Canedo Silva<sup>1</sup>

Daniela Florambel Rodrigues<sup>2</sup>

#### **RESUMO:**

Este trabalho é baseado em estudos da Linguística Aplicada, que envolve as crenças na aprendizagem de línguas, bem como as crenças sobre o uso do material didático. Então, mostramos nesta pesquisa as crenças de alunos de Letras sobre o uso do livro didático nas aulas de Língua Inglesa. Foram participantes desta pesquisa, alunos de primeiro e segundo ano, da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, que se baseou nos paradigmas qualitativos propostos no estudo de caso. O instrumento de pesquisa utilizado para encontrar as crenças dos alunos participantes foi um questionário aberto. Através da análise de dados, constatamos e mapeamos as crenças dos alunos sobre o uso do livro didático nas aulas de Língua Inglesa. O objetivo deste trabalho é mostrar aos professores da área algumas teorias e resultados práticos sobre as crenças. E ainda, corroborar para uma reflexão sobre suas posturas metodológicas relativas ao livro didático em sala de aula. Ao rever tais crenças dos alunos, se positivas ou negativas, esperamos que eles consigam alcançar novas abordagens para apresentação de recursos diferenciados nas aulas de Língua Inglesa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Crenças. Alunos. Livro Didático. Língua Inglesa.

#### **ABSTRACT:**

This work is based on studies of Applied Linguistics, involving beliefs in language learning, as well beliefs about the use of teaching materials. So, we showed in this research beliefs of Letras Course students about the use of textbook on English Language classes. The participants of this research were Letras Course students of first and second grades from Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, which based on qualitative paradigms by the case study. The research instrument used to find beliefs of Letras Course students was an opened questionnaire. Through the data analysis, we found and presented students' beliefs about the use of textbook on English Language classes. The aim of this work is to show teachers in the field some theory and practical results about beliefs. And still, to corroborate on a reflection about their methodological attitudes on the textbook in the classroom. To review these students' beliefs, whether positive or negative, we hope they can achieve new approach for presentation of differentiated resources on English Language classes.

**KEYWORDS:** Beliefs. Students. Textbook. English Language.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (Português/Inglês) pela UEG/Itapuranga. Especialista em Estudos Linguísticos e-mail: [adrianecanedo@hotmail.com](mailto:adrianecanedo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras (Português/Inglês) pela UEG/Itapuranga. Especialista em Estudos Linguísticos. e-mail: [daniela.florambel@hotmail.com](mailto:daniela.florambel@hotmail.com)

## **Introdução**

As aulas de Língua Inglesa (doravante LI) é que complementam, com grande importância, a formação do processo ensino/aprendizagem. Para que se aprenda a LI, é necessário que haja muito esforço, tanto por parte dos alunos, que necessitam do acompanhamento de um profissional para uma aprendizagem de qualidade, quanto pelos professores, que são vistos como responsáveis para a qualificação de um indivíduo. Nessa perspectiva, através da pesquisa *in locu*, constatamos que os alunos possuem algumas crenças sobre os recursos de ensino que são adotadas pelos professores em sala de aula, mais precisamente pelo uso do Livro Didático (doravante LD).

Vários autores já estudam e estudaram sobre o assunto abordado neste trabalho. Apontamos alguns dentre os principais pesquisadores, como é o caso de Barcelos, que define as “[...] crenças como opiniões e ideias que os alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas” Barcelos (2001, apud GARBUIO, 2006, p. 89). A autora ainda salienta que as crenças, além de serem pessoais, são originadas de nossas experiências. Na prática pedagógica, cabe ao professor ministrar aulas com recursos diferenciados, que também o auxiliem nas aulas de LI, sendo: filmes, músicas, diálogos, representação da realidade, entre outros. Com essa diversificação, os alunos se sentirão mais motivados e a aprendizagem poderá ter melhor resultado.

Este trabalho também explicita as percepções dos alunos sobre os recursos utilizados pelo professor de LI em sala de aula. Pretendemos, nesta pesquisa, identificar se os alunos possuem crenças quanto ao uso do LD nas aulas de LI. Assim, após os alunos exporem suas crenças quanto ao uso do LD, os professores poderão refletir sobre os melhores recursos a serem utilizados em sala de aula e se devem continuar adotando um LD. Esta pesquisa está centrada nas crenças de alunos de Letras – primeiro e segundo ano – da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, sobre o uso do LD nas aulas de LI.

### **1.1 Crenças na aprendizagem de Língua Inglesa**

São inúmeras as definições sobre crenças em Linguística Aplicada (doravante LA). Elas estão relacionadas à Educação e, principalmente, voltadas para o processo de ensino/aprendizagem em Língua Estrangeira (doravante LE). Segundo Barcelos (2007), a

pesquisa sobre crenças no Brasil está dividida em três períodos: o primeiro, conhecido como inicial, de 1990 a 1995; o segundo, de desenvolvimento e consolidação, de 1996 a 2001; e o último de expansão, de 2002 até o presente.

Para aprender uma LE, é preciso bastante esforço dos alunos. Almeida Filho (2002) argumenta que a LE pode ter significado de língua dos outros ou de outros, por isso os alunos acabam encontrando grandes dificuldades para aprendê-la. Portanto, o professor precisa pensar em sua prática de ensino para que o aluno se sinta motivado a aprender a LI. É importante que o professor seja crítico e procure técnicas que tragam os alunos para a realidade do contexto escolar, de acordo com o seu conhecimento empírico.

Borba e Oliveira (2004) acreditam que as crenças podem determinar comportamentos, reações e sentimentos diante das situações vividas. Mesmo que essas crenças sejam ou não verdadeiras, cada aprendiz tem em seu íntimo uma crença que é influenciada social e culturalmente. Silva (2005) alega que as crenças são ideias que se têm a respeito da aprendizagem de Línguas, são reconstruídas mediante as suas experiências de vida e são mantidas por um período.

Segundo Félix (1999) os professores de LE carregam consigo crenças sobre como seus alunos devem aprender a língua-alvo, e estas são influenciadas pelas experiências que tiveram no passado, tal como material didático e estratégias que propiciam a aprendizagem de uma LE. Almeida Filho (1993, apud REIS, 1999) argumenta que a competência profissional se desenvolve através dos movimentos do professor em atividades que visam atualização profissional, e esta deve ocorrer de forma permanente, buscando inovações durante suas aulas de LI, visando qualidade na aprendizagem.

O professor de LI deve ser reflexivo. “Refletir significa buscar compreender porque se faz como se faz” (BARCELOS, 2006, p. 23). O professor precisa saber o motivo pelo qual ensina e como ensina. As crenças têm papel fundamental nessa reflexão, elas são base dos questionamentos do professor e seus argumentos são expostos de acordo com suas crenças.

Barcelos (2001) afirma que as crenças são opiniões e ideias que os alunos e os professores têm a respeito do processo de ensino e aprendizagem de línguas. Acrescenta ainda que elas são inconsistentes e contraditórias. Barcelos (2004) coloca que as crenças são ferramentas que podem ajudar os alunos a interpretar as experiências vividas no decorrer do tempo.

Félix (1999) alega que o professor pode subestimar o aprendizado de seus alunos. Se o professor acreditar que determinados alunos jamais aprenderão a língua-alvo, pode fazer com que eles se esforcem o mínimo possível para aprender, ou até mesmo deixá-los de lado, piorando a situação. Essa consideração funciona como um argumento contrário para a crença do dom anteriormente explicitada. Mesmo possuindo dom, o aluno precisa de um incentivo, de algo que o motive na aprendizagem.

Larsen–Freeman (1993, apud PEREIRA, 2006) alega que o aprendizado da língua é um processo natural, que alcança resultado se os alunos usarem a língua de uma maneira pessoal, sendo então, significativa. Para que isso ocorra, deve-se levar em conta o interesse dos aprendizes. A aprendizagem de línguas implica na interação com a cultura e, também, pela visão de mundo que o falante apresenta nessa língua.

Se o aprendiz apresenta interesse pela língua, a aprendizagem acontecerá naturalmente. Os recursos utilizados pelo professor, bem como o material didático, também influenciam na aprendizagem. E um dos recursos que mais se tem acessibilidade é o LD, é ele o caminho que o professor tem na busca da interação entre ensino/aprendizagem.

## **1.2 Alguns critérios para adoção do Livro Didático de Língua Estrangeira**

No ensino de LE, um dos recursos mais utilizados por professores é o LD, que tem sido foco de estudos de pesquisadores, análises e discussões nos últimos anos, devido à sua importância nas escolas e salas de aula. “O livro didático pode ser definido como um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação” (BERNARDIM, 2004, p. 43).

“O LD ainda é a fonte mais utilizada na escola, em muitos contextos, a única fonte de acesso ao saber institucionalizado de que dispõem professores e alunos” (CARMAGNANI, 1999, p. 127). Souza (1999a) corrobora que o LD é um instrumento importante na atividade docente, em virtude da ausência de outros materiais didáticos que servem de direcionamento ao professor dentro da sala de aula, e de fonte de estudo e pesquisa para o aluno.

Ramos e Roselli (2008) acreditam que uma maneira bastante rápida e plausível de se ter uma impressão geral do livro é folheando-o e formando uma ideia geral das possibilidades, pontos fortes e fracos do LD. Bernardim (2004) salienta que um dos fatores

primordiais, além da escolha do método desenvolvido na sala de aula é, sem dúvida, a escolha do LD a ser usado pelo professor.

Desse modo, as autoras ainda justificam que a escolha do LD e a análise antecipada da abordagem do livro (autor/editora) contribuem para o melhoramento da aula do professor que, ao adotar o LD, ainda que implicitamente, indica para o aluno uma abordagem de ensinar. “Um conceito importante para escolha e preparação do material didático a ser adotado pelo professor é o *andaime-scaffolding*” (ALVARENGA, 2008, p. 201). Este último termo se refere à intervenção de uma pessoa mais experiente para ajudar outra a realizar uma tarefa além de sua capacidade, mas que se torna possível com a ajuda de outros. Com base no que foi exposto, Bernardim afirma que

[...] o professor é o recurso-chave para o bom desenvolvimento de uma aula. Ele é o exemplo de sucesso para os alunos, é quem sabe quais aspectos da língua podem causar maiores problemas para os alunos, é o *expert* cuja voz deveria ser ouvida pela escola. O professor deve entender que ele precisa usar livros e materiais que estejam também de acordo com o seu contexto de escola, sala de aula (BERNARDIM, 2004, p. 45).

Bernardim (2004) ainda salienta que o aluno também é um recurso de aprendizagem muito importante na sala de aula. Assim, o professor deve estar consciente de que o aluno pode e quer aprender. Mas, para que isso aconteça, são necessárias a ajuda e a motivação do professor, considerando que o aluno pode ter mais facilidade na aprendizagem da LI se for motivado a utilizar a LI também fora do contexto da sala de aula. Isto pode ser feito com: músicas, anúncios e outros meios, os quais são usados para comunicação, não ficando preso somente ao LD. É de acordo com essas premissas que abordaremos o LD na sala de aula.

### **1.3 Um olhar sobre o Livro Didático e seu uso em sala de aula**

“O LD é uma dentre as muitas formas de Material didático que aparece em forma impressa e é criado exclusivamente para fins pedagógicos” (RAMOS; ROSELLI, 2008, p. 66). Para as autoras, o LD é um recurso didático de grande importância, principalmente para o professor iniciante na preparação e adaptação de suas aulas.

Alvarenga e Bacellar (2007) afirmam que o fato do LD nem sempre estar de acordo com a maneira de ensinar do professor, a cultura do aluno pode provocar grandes dificuldades no momento da aprendizagem, porque, muitas vezes, ele se nega a aprender o que não faz parte de seu cotidiano. Segundo Rocha (2007), deve-se atentar para a formação do professor e para a importância de seu desenvolvimento através do curso de formação, ou seja, a necessidade de garantir conhecimentos e tornar-se um profissional efetivamente responsável e competente através do contexto em foco. É sobre a influência do LD na aprendizagem de LI que focalizaremos no próximo tópico.

#### **1.4 A influência do Livro Didático na aprendizagem de Língua Inglesa**

Coracini (1999b) argumenta que os princípios da abordagem comunicativa<sup>3</sup> presentes na sala de aula também influenciam na aprendizagem do aluno. Acreditar que “não existem livros bons na praça” (CORACINI, 1999b, p. 23) não significa que os livros didáticos não sejam viáveis para a aprendizagem. Porém, não usar o LD também não resolverá os problemas decorrentes no ensino/aprendizagem, pois alguns professores preferem utilizar outros recursos de ensino, textos e atividades como formas de diversificar suas aulas.

O LD funciona “para os professores fiéis como uma Bíblia, palavra inquestionável, a verdade aí está contida, o saber sobre a língua e sobre o assunto a ser aprendido ali se encontra” (SOUZA, 1995, apud CORACINI, 1999b, p. 23). Desse modo, os exercícios que se encontram nos livros, evidentemente só podem ser respondidos de acordo com o LD do professor, de forma que este raramente consegue perceber se o aluno formulou bem ou não suas respostas. A autora ainda afirma que o LD faz com que o professor fique preso e internalize o seu próprio conhecimento.

De acordo com Coracini (1999c), a partir do advento da abordagem comunicativa, o LD passou a ser bastante criticado por professores de LE. Eles acreditavam que o LD limitava e impedia a criatividade do professor dentro da sala de aula. Todavia, a autora ainda pontua que, embora reconhecendo os defeitos dos livros, muitos professores preferem adotá-

---

<sup>3</sup> A Abordagem Comunicativa propõe que a experiência de aprender não seja marcada pelos critérios sistêmicos da língua. E sim, por comunicação compreensível organizada em torno de temas e tópicos, conteúdos de outras disciplinas, projetos e tarefas que valorizam continuamente a produção de sentido entre os participantes da pequena comunidade de uma sala de aula como aspirantes ao uso situado da nova língua. A unidade básica do idioma que requer atenção é o ato comunicativo (ALMEIDA FILHO; OLIVEIRA, 2010).

los porque se sentem mais seguros tendo-os por perto. Souza (1999b) afirma que a sala de aula é peça chave dentro do universo escolar e que o LD não deve ser visto metaforicamente como uma arma de difícil manuseio. Cabe ao professor manuseá-lo e manipulá-lo a caminho do sucesso do aluno, demonstrando, assim, habilidades na realização de sua função na sala de aula. O LD, ainda segundo a autora, é um paradigma que sustenta a transmissão de saber via escola. Porém, o professor deve ser visto como uma base que dá sustentação aos conhecimentos que são transmitidos através do paradigma do LD, não podendo fugir dos conflitos que se impõem.

“Aprender uma língua estrangeira implicaria não apenas reter estruturas verbais para repeti-las” (CORACINI, 1999a, p. 105), mas sim, compreender seu sentido e funcionamento, tornando-se capaz de interagir com outras pessoas. Nessa perspectiva, o professor deve possibilitar a aprendizagem de LE, ensinando nos diferentes níveis, desde os menos até os mais complexos, possibilitando a compreensão por parte do educando.

“O melhor dos livros didáticos não pode competir com o professor” (CONSOLO, 1990, apud PESSOA, 2009, p. 57). Com base nessa afirmação, pode-se afirmar que o professor bem preparado conhece as necessidades de seus alunos, sabe quais aspectos precisam ser melhorados na sala de aula, quais exercícios condizem mais com a realidade do aprendiz, não importando se usa ou não o LD em suas aulas, mas sim, que tenha consciência de que “não há livro a prova de professor” (LAJOLO, 1996, apud PESSOA, 2009, p. 57). A autora salienta que é dever do professor saber usar o LD de forma correta, modificando e adaptando-o de acordo com as necessidades dos alunos, despertando seu poder de reflexão.

## **2 Metodologia**

Este trabalho utiliza uma pesquisa qualitativa, envolvendo um estudo de caso, a fim de coletar dados para a investigação das crenças de alunos do Curso de Letras sobre o uso do LD nas aulas de LI. Rodrigo (2008) salienta que os estudos de caso tentam representar as diferentes visões em uma situação, sendo que a realidade é vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a verdadeira. Assim, o pesquisador procura trazer essas diferentes visões e opiniões a respeito da situação em questão.

A coleta de dados foi realizada na Universidade Estadual de Goiás, na Unidade Universitária de Itapuranga, onde é oferecido, além de outros cursos regulares, o de

Licenciatura Plena em Letras (Português e Inglês). Assim, o foco da nossa pesquisa é especificamente as turmas do 1º e do 2º ano de Letras, turmas de 2009 e 2010, respectivamente. O Curso é oferecido no período noturno, com duração de quatro anos.

A pesquisa está relacionada à aprendizagem de LI, especificamente, sobre as crenças de alunos de Letras sobre o uso do LD. Para tanto, optamos por trabalhar com duas turmas do Curso de Letras, ou seja, primeiro e segundo ano, por se tratar de alunos que ingressaram na Faculdade há pouco tempo e ainda não tiveram pleno conhecimento sobre a LI durante o Curso de Letras. Para a pesquisa, foram escolhidos dez alunos, sendo um homem e nove mulheres. Foram cinco participantes de cada turma, através da qual eles puderam expor suas experiências e opinar sobre o que pensam do uso do LD e a influência do mesmo para a sua aprendizagem.

Pedimos aos alunos que usassem pseudônimos, para que não pudessem ser identificados, e assim eles se sentiriam mais à vontade para se expressarem. Aplicamos um questionário aberto pela necessidade de constataremos as percepções dos alunos sobre a aprendizagem de línguas. Esse questionário possuía reflexões discursivas e os alunos tiveram total liberdade para respondê-las. O questionário possuía perguntas com respostas abertas, dando liberdade aos alunos, a fim de que suas ideias fossem expostas de forma espontânea, sem que se sentissem inibidos durante a exposição de seus argumentos.

A aplicação do questionário para os alunos do 1º ano de Letras aconteceu no dia 09 de agosto de 2010, no prédio da UEG, UnU de Itapuranga, na sala 09, das 19h às 20h. A aplicação do questionário para os alunos do 2º ano de Letras aconteceu no dia 11 de agosto de 2010, também no prédio da UEG, UnU de Itapuranga, na sala 08, das 19h45 às 20h30. Então, a partir da realização da coleta de dados, analisamos as respostas dos alunos de Letras, fazendo um contraponto com a abordagem teórica apresentada anteriormente.

Após a coleta de dados, analisamos primeiramente, através de leituras, os depoimentos dos alunos, enfocando o nosso tema de pesquisa. A análise foi feita através de pressupostos científicos. Também identificamos as crenças dos alunos sobre o uso do LD nas aulas de LI. A análise de dados foi baseada nos depoimentos fornecidos pelos alunos pesquisados, corroborado pelo referencial teórico abordado no início do trabalho. Então, constatamos nas respostas dos alunos, suas percepções para as aulas de LI com o uso do LD, fazendo um confronto com o que foi estudado teoricamente.



### 3 Análise dos dados

Na questão 1, perguntamos aos alunos o que é necessário para uma boa aprendizagem de LI. Através do que foi relatado, percebe-se que não há unicidade nos métodos traçados pelo professor nas suas aulas e, para que haja uma boa aprendizagem de LI, os respondentes apresentam várias formas para se obtê-la. Na análise das respostas, devemos tomar cuidado e verificá-las por dois prismas: o primeiro é um professor que desempenhe seu papel profissional de forma eficiente. E o segundo, esse direcionado aos discentes, e que os alunos estejam realmente interessados, ou seja, a autoestima, tanto do professor quanto dos alunos deve estar alta, porque a interação entre professor/aluno e aluno/aluno é indispensável para que ocorra a aprendizagem.

Segundo Ramos e Roselli (2008), o processo de aprendizagem que é mediado pela interação, proporciona um conhecimento em conjunto entre os participantes dessa interação que são: aluno e professor, aluno e colega. É através da colaboração nessa interação que a aprendizagem irá acontecer, e com resultados mais eficazes.

Na questão 2, procuramos saber como eles analisam a forma do professor trabalhar o LD nas aulas de LI. Através dos argumentos descritos, percebe-se que os alunos acreditam que o educador deve trabalhar com o LD, mas de forma limitada, não ficando preso a ele. O professor deve trabalhar com instrumentos diferenciados, mas que envolvam o conteúdo, para mostrar aos alunos a suma importância de aprender e ter um convívio com uma LE, que nem sempre é vista como importante pela maioria. Então, diversificar as aulas é uma forma de o professor mostrar a eficácia de se aprender a LI, tornando menos cansativo o uso do LD.

Eu acho cansativo usar o LD, pois a gente acaba ficando preso ao livro enquanto, poderíamos aprender de outra forma. É claro que o LD é essencial para o professor ter uma lógica do que ensinar, porém outros meios poderiam ser usados para melhorar nosso aprendizado. (MARIA LUÍSA – 1º ano)

Na questão 3, perguntamos aos alunos se o LD é o melhor instrumento para aprender LI. Os pesquisados alegaram que não é o melhor instrumento, mas é essencial e que depende do desenvolvimento da aprendizagem de cada um. Eles justificaram que, ficando preso ao LD, as aulas se tornam desinteressantes, causando desmotivação aos alunos. Os

discentes acreditam que o LD deve ser acompanhado com a prática, fazendo com que os alunos desenvolvam as quatro habilidades (*listening – speaking – reading and writing*) permeando uma proximidade entre professor e aluno. Os alunos afirmam que um livro de qualidade pode sempre auxiliar, então, percebe-se que eles clamam por um livro melhor, que se adeque à realidade dos aprendizes. Por fim, também houve questionamentos que, através do LD, se conhece a gramática e se dá um norteamento aos professores e alunos. Assim, há alguns alunos que ainda acreditam no uso do LD em sala de aula.

Na questão 4, procuramos saber dos alunos se o LD é indispensável nas aulas de LI. De acordo com os questionamentos dos alunos, o LD não é indispensável, pois há a possibilidade de preparação de uma aula sem sua utilização, ou seja, o professor tem a possibilidade de buscar outras técnicas na preparação de suas aulas que viabilizem a compreensão de seus alunos. Eles acreditam que é possível a criatividade nas aulas sem o uso do LD, fazendo com que o aluno se empenhe mais e, dessa forma, a aprendizagem aconteça naturalmente.

Tem outros meios de aprender, sem ser utilizando o livro, outros meios mais interessantes. (JULIANA PAES – 2º ano)

Na questão 5, perguntamos aos alunos se é necessário somente a utilização do LD para a aprendizagem. De acordo com as respostas dos alunos, não é necessário somente o LD para a aprendizagem. São vários os aspectos pertencentes à prática pedagógica, como um profissional qualificado, interesse do aluno em aprender e do professor em ensinar. Assim, o LD não fará falta para sua aprendizagem. O professor deve trabalhar com aulas diversificadas, sendo elas com dinâmicas que envolvam o conteúdo, trabalhando com recursos atrativos, como data show, músicas, filmes e recursos visuais.

Segundo Leffa (2003), para que a aprendizagem ocorra de forma eficiente, é necessário que o material didático utilizado esteja condizente com o nível de conhecimento dos alunos, sendo que o conhecimento já adquirido pelo aluno servirá de andaime para aquisição de um novo saber.

Na questão 6, procuramos entender qual a relação entre o LD e a aprendizagem dos alunos. Para alguns alunos, sua aprendizagem necessita do LD em parte, pois o recurso ajuda, mas não só o uso do mesmo proporciona uma aprendizagem de qualidade. É necessário

incorporar diversificação, mostrando aos alunos a importância e a necessidade de aprender a LI. A unicidade de métodos provoca a desmotivação dos alunos. Para outros, a aquisição da aprendizagem não depende do LD, alegando que através dele não é possível aprender, pois é cansativo segui-lo, tornando as aulas uma mesmice.

Segundo Consolo (1992), para que ocorra a diversificação na sala de aula, é fundamental a participação do professor com uma qualificação adequada no direcionamento das aulas, tendo a oportunidade de utilizar bons materiais, modificando as metodologias de ensino que parecem estar deficientes na sala de aula de Língua Estrangeira.

Na questão 7, perguntamos aos alunos se eles se sentem motivados trabalhando somente com o LD. Os discentes acreditam que o LD não traz motivação suficiente para despertar o interesse dos aprendizes, mesmo que ele contenha fontes importantes. Sempre é preciso algo que prenda a atenção dos alunos, e a inserção de outros recursos com a participação ativa dos aprendizes é essencial para que as aulas se tornem agradáveis. O professor também deve estar motivado ao transmitir seu conhecimento, assim, seus alunos terão mais facilidade em aprender a LI, pois somente com o LD não dá para ter motivação.

Pennington (1995, apud PESSOA; SEBBA, 2006) argumenta que a mudança no comportamento do professor não acontece tão facilmente e, para que esta ocorra, o professor deve se sentir capaz e motivado a experimentar algo novo, ajustando sua prática e seu pensamento, visando resultados positivos. O professor deve ser reflexivo quanto às consequências que surgem a partir dos resultados e, então, saber se é o caminho correto a seguir para que aconteça uma aprendizagem mais eficaz.

Na questão 8, perguntamos aos alunos que outros recursos eles sugerem para ajudar na aprendizagem de LI. De acordo com as respostas dadas pelos alunos, verifica-se que as aulas não podem ficar presas somente ao LD. Há a necessidade de uma diversificação que colabore com a aplicação da matéria apresentada pelo professor em sua aula. Esse fato vai ajudar na relação professor/aluno e, conseqüentemente, trazer maior probabilidade na obtenção da aprendizagem.

Ouvindo músicas, aulas participativas, teatros, entre outros. (JULIANA PAES – 2º ano)

Na questão 9, perguntamos aos alunos se gostariam de acrescentar algo sobre o que eles acreditam em relação ao uso do LD nas aulas de LI. De acordo com as respostas dadas pelos alunos, verifica-se que as aulas não podem ficar presas somente ao LD. Há a necessidade de uma diversificação que colabore com a aplicação da matéria apresentada pelo professor em sua aula.

Nessa perspectiva, Bernardim (2004) afirma que os professores estão conscientes de que nem sempre o LD adotado é totalmente adequado ao perfil de aprendizagem de seus alunos. No momento de optar por algum título, o professor precisa pensar se essa escolha é acessível e compatível à condição financeira de seus alunos, podendo correr o risco de sofrer maiores frustrações por parte do material didático adotado.

Segundo Basso (2006), baseando-se na premissa de que cada professor constitui em si mesmo uma forma de ensinar, não significa ser respectivamente um bom ou péssimo professor, competente ou incompetente. Todos os caminhos utilizados para concretizar o ensino/aprendizagem são tentativas do professor de fazer com que aconteça a aprendizagem. Consegue-se verificar esse pensamento nas respostas dadas. Nossos alunos clamam por aulas diversificadas, que estejam também fora do LD. O material didático utilizado pelo professor deve estar em consonância com o que pensa o aluno para diminuir o filtro afetivo<sup>4</sup>, e o resultado será uma melhor aprendizagem. No tocante à crença de que somente a utilização do LD nas aulas de LI não se promove motivação suficiente para a aprendizagem, os alunos sugerem técnicas diversificadas que proporcionem maior atração pela língua.

### **Considerações finais**

Por intermédio de nossa pesquisa, conseguimos identificar que os alunos possuem crenças quanto ao uso do LD. Apontamos, no decorrer do nosso trabalho, a importância da LI e o estudo de crenças, procurando conscientizar alunos e professores sobre a necessidade da

---

<sup>4</sup> Filtro afetivo é o conjunto de aspectos afetivos configurados de alguma maneira no professor ou aprendente de língua(s). Os elementos formantes do filtro são: as motivações várias (pela língua, sua cultura, pela professora, pelas aulas, pelo material, etc.), o nível de ansiedade, a capacidade de identificação com a cultura, a pressão do grupo de pares, o poder de autoestima e as atitudes. A aquisição de uma nova língua ou sua aprendizagem, no sentido restrito do termo, acontece sempre sob a vigência de uma dada configuração de filtro que promoverá preponderantemente uma dessas duas formas de aprender, a aquisição ou a aprendizagem (ALMEIDA FILHO; OLIVEIRA, 2010).

prática de reflexão no contexto escolar, para que ambos aprendam a lidar com suas crenças, não permitindo que elas interfiram negativamente na aprendizagem.

Mostramos, neste trabalho, as crenças inerentes ao uso do LD e, a partir de investigações, confrontamos com o referencial teórico. Devemos nos atentar que o LD é um recurso que se faz presente no contexto escolar. Porém, todo conteúdo, questionamento e discussões sobre crenças e LD no processo ensino/aprendizagem da LI, anteriormente apresentados, mostram que ele não é o único caminho. Nada está em plano superior do que a relação professor/aluno em contraposição ao conhecimento empírico.

Escolhemos trabalhar com uma pesquisa que está relacionada à aprendizagem de LI, na área de LA, por percebermos a importância desse tipo de estudo, que se refere às crenças dos alunos sobre o uso do LD nas aulas de LI, mostrando aos professores quais as percepções dos aprendizes quanto ao LD, a fim de que eles reflitam sobre os recursos que são utilizados na sala de aula, não permitindo que as técnicas exercidas sobre os mesmos se tornem obstáculos para a aprendizagem, também servindo ao professor como aperfeiçoamento de suas metodologias, para que a aprendizagem atinja um efeito satisfatório. E para os alunos, que também reflitam sobre suas crenças, não permitindo que elas tornem empecilho para a aprendizagem, e também para que eles tenham uma visão crítica sobre os recursos utilizados pelo professor em sala de aula. É importante, sobretudo, ressaltar a relação dialógica entre professor e aluno, afinal, são esses os agentes mais importantes do processo ensino/aprendizagem. Além disso, acreditamos que a sala de aula é o lugar mais adequado para que professores e alunos se (re)descubram em suas crenças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de; OLIVEIRA, H. F. de. Disponível em:  
<<http://glossario.sala.org.br/>> Acesso em: 09 de setembro de 2010.

ALVARENGA, M. B. Unidades temáticas sobre cultura e literatura para alunos de Letras. In: ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (Orgs.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores formadores*. São Paulo: Claraluz, 2008. p. 193-216.

ALVARENGA, M. B.; BACELLAR, F. Construindo competências sobre e com o livro didático de inglês. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da. (Orgs.). *Linguística aplicada: Múltiplos olhares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 141-154.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre a Aprendizagem de Línguas: Estado da Arte. In: *Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, 2001. p. 71-92.

\_\_\_\_\_. Crenças sobre a aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. In: *Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, 2004. p. 123-156.

\_\_\_\_\_. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças, sobre ensino e aprendizagem de Línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 15-42.

\_\_\_\_\_. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: Reflexões de uma década de pesquisa no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da. (Orgs.). *Linguística aplicada: Múltiplos olhares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 27-69.

BASSO, E. A. Quando a crença faz a diferença. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 65-85.

BERNARDIM, A. M. P. *Critérios para a escolha do livro didático - Língua Inglesa*. Publicação do Centro de Estudos, Pesquisa e Produção Acadêmica do Instituto Superior. Anísio Teixeira. Revista do ISAT. n.3, 2º semestre, 2004.

BORBA, E. R. de O.; OLIVEIRA, H. F. de. *Os desafios de aprender a língua inglesa na graduação em Letras da UEG Itapuranga*. 68 f. Monografia (Graduação em Letras) – UEG, Itapuranga, 2004.

CARMAGNANI, A. M. G. A Concepção de Professor e de Aluno no Livro Didático e o Ensino de Redação em LM e LE. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999. p. 127-133.

CONSOLO, D. A. O livro didático e a geração de insumo na aula de língua estrangeira. In: *Trabalho de Linguística Aplicada*. Campinas. Jul./ Dez. 1992. p. 37-47.

CORACINI, M. J. R. F. O Livro Didático de Língua Estrangeira e a Construção de Ilusões. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999a. p. 27-31.

\_\_\_\_\_. O Livro Didático nos discursos da Linguística Aplicada e da Sala de Aula. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999b. p. 17-26.

\_\_\_\_\_. O Processo de Legitimação do Livro Didático na Escola de Ensino Fundamental e Médio: Uma Questão de Ética. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999c. p. 33-43.

FELIX, A. Crenças de duas professoras de uma escola pública sobre o processo de aprender língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. (Org.). *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999. p. 93-110.

GARBUIO, L. M. Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 87-104.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003. p. 13-38.

PEREIRA, K. B. A Intenção da abordagem de ensinar de um professor de inglês de escola pública como contexto de sala de aula. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 163-175.

PESSOA, R. R. O Livro didático na perspectiva da formação de professores. In: *Trabalho de Linguística Aplicada*. Campinas. Jan./ Jun. 2009. p. 53-69.

PESSOA, R. R.; SEBBA, M. A. Y. Mudança nas teorias pessoais e na prática pedagógica de uma professora de inglês. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 43-64.

RAMOS, R. C. G.; ROSELLI, B. R. O Livro Didático e o Ensino – Aprendizagem de Inglês para Crianças. In: ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (Orgs.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 63-84.

REIS, S. Expressões de conhecimento de uma iniciante na formação de professores de língua estrangeira: um estudo de imagens. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. (Org.). *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999. p. 139-156.

ROCHA, C. H. Reflexões e proposições sobre o ensino de LE para crianças no contexto educacional brasileiro. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da. (Orgs.). *Linguística aplicada: Múltiplos olhares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 71-107.

RODRIGO, J. *Estudo de caso: Fundamentação teórica*. Disponível em: <<http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf>> Acesso em: 05 de dezembro de 2010.

SILVA, K. A. *Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

SOUZA, D. M. de. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999a. p. 27-31.

\_\_\_\_\_. Livro Didático: Arma Pedagógica? In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 1. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 1999b. p. 93-103.